

O Globo 9-V-1957

Um extraordinário e fascinante caudilho

Também a propósito do centenário de Pinheiro Machado, escreveu o deputado Raul Pilla os seguintes conceitos, especialmente para O GLOBO, além das opiniões que publicamos na 2.ª Seção da nossa edição de ontem:

"Creio que se esteja abusando das homenagens e comemorações no Congresso Nacional. Afinal de contas, não é o parlamento uma associação de estudos históricos e literários. Mas, aceita a praxe, não há como excluir das homenagens um homem que, em certa época, exerceu influencia decisiva na política do país.

Pinheiro Machado não foi um estadista: Não tinha nenhuma das suas qualidades essenciais. Mas foi um grande político, no sentido que habitualmente se dá a este nome no Brasil. E, ainda assim, não fica bem definido. Ele foi de fato um grande caudilho, eu diria, o último dos caudilhos nacionais, se depois dele outros exemplares não houvessem aparecido, uns simpáticos e generosos, outros tortuosos e fechados.

Como caudilho, teve uma façanha verdadeiramente notável. Sem ocupar cargos executivos, que no Brasil são a única forma compreensível do poder, exercendo apenas o mandato de senador da República, Pinheiro Machado conseguiu sobrepor-se em certa época à ditadura constitucional do presidente e, embora erroneamente, pôde apresentar-se como uma força democrática e liberal. Tais contradições são próprias do caudilhismo. Isto explica que, apesar da sua deficiente cultura, Pinheiro Machado houvesse exercido verdadeiro fascínio sobre espíritos tão altos, como o de Ruy Barbosa, que por vários anos serviu à sua política.

Tal prepotência chegou a exercer o caudilho sul-riograndense, da sua cadeira do Senado, que acabou vitimado pela reação que desencadeara.

Pinheiro Machado foi, na vida pública brasileira, um caudilho; mas foi um extraordinário caudilho, forjado na fragua das guerras civis do Rio Grande."